Professor Doutor José António Ferreira de Almeida

PROF. DOUTOR JOSÉ ANTÓNIO FERREIRA DE ALMEIDA

A morte, em Outubro de 1981, do Prof. Doutor José António Ferreira de Almeida, catedrático de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro do Conselho de Redacção da *Revista de História*, ocorreu prematuramente por força de doença célere e implacável. O primeiro número da revista, concebido depois do seu passamento, é-lhe naturalmente consagrado, razão por que se impõe analisar um certo número de facetas marcantes do genuíno professor que ele foi.

Oriundo de Lisboa, onde nasceu em 1913, o Prof. Ferreira de Almeida desempenhou, até princípios de 1981 e desde o seu estabelecimento em 1976, o cargo de Presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras do Porto a cujo corpo docente pertencia a partir da restauração da escola em 1962.

A existência do ilustre mestre foi cunhada por um brilhante curso de Letras, por um notabilíssimo estágio liceal e, finalmente, por quarenta anos de docência universitária prodigalizados, em partes iguais, às Faculdades de Letras de Lisboa e do Porto. No magistério superior, distinguiu-se entre os professores da sua geração por ser o transmissor de uma mensagem intelectual viva, sugestiva e rigorosamente actualizada, em consonância com as melhores tendências da cultura europeia, entrevistas, estas, por um espírito racional, a que não faltava uma funda sensibilidade e uma inteligência serena que a ironia tornava acutilante.

Quando, em meios universitários, se evoca o nome do Prof. Ferreira de Almeida, é uso, com razão, deplorar que ele — regente de tantas cadeiras, autor de tantas conferências e programas — não tenha vazado em vários ensaios e tratados a expressão da sua vasta e multiforme preparação científica. No entanto, gastou-se, ilustrou-se, nalgumas ingentes tarefas, cuja importância urge relevar.

Em virtude da amplidão dos seus interesses e da segurança dos seus conhecimentos, a instituição universitária recorreu, na verdade, ao Prof. Ferreira de Almeida para leccionar diversíssimas matérias, sem cuidar da dispersão a que isso o obrigava, justamente por gostar de bem cumprir os seus deveres. De facto, teve a constante preocupação de engendrar e proferir cursos actualizados, em cujas bibliografias incluía as aquisições recentes da ciência histórica. Procurou, também, exprimir os seus pontos de vista, ainda que complexos, de forma clara e precisa, valorizada pelo brilho raro da exposição oral.

Além de difundir e reelaborar conhecimentos, Ferreira de Almeida foi ainda um prelector capaz de abrir pistas à investigação, investigação que, em casos vários, ele próprio seguiu de perto, estimulando e aperfeiçoando o labor de quem procurava explorar as sugestões por ele apresentadas em função de leituras e meditações. Quer dizer, sem ser um pesquisador na verdadeira acepção da palavra, nem por isso deixou de fomentar a ciência ao enunciar hipóteses vivificadoras, ao mostrar, através da crítica, o que nos monumentos havia de expressivo e capaz de fundamentar as interpretações globais, as relações analógicas que, para discernir a marcha da humanidade e as criações estéticas do homem, ele gostava de propor.

A qualidade das suas exposições, de que era ufano, provocava, como é natural, perplexidades e cogitações, dava margem a que os alunos buscassem esclarecimentos complementares. Ora, num tempo em que isso era menos vulgar, Ferreira de Almeida primou no relacionamento com os estudantes, tirando dúvidas, proporcionando material de trabalho, destinando muito do seu tempo à elucidação convivente dos que a ele recorriam.

Para ensinar, para responder, para sugerir — no magistério e nos meios de comunicação social em que se notabilizou, versando sobretudo temas e problemas de estética e história de arte, como, em geral, de cultura e civilização — coadjuvante essencial do docente revelou-se a sua vasta biblioteca. Ela serviu o mestre e os alunos, os amigos e os colegas, prejudicando, embora, a sua economia, anemizada pela omnímoda avidez científica e aquisitiva do Prof. Ferreira de Almeida, em cada dia testemunhada nos melhores livreiros.

Por sua vez, na melindrosa tarefa de julgar, preconizou, com denodo, a exigência, fugindo, por idiossincrasia e razão, a critérios de oportunidade fácil ditados pela demagogia, pela amizade ou pela política. A aplicação dessa norma, nem sempre cómoda para ele, beneficiou o recrutamento de assistentes em Letras e, bem assim, a preparação dos universitários que em Lisboa e no Porto seguiram os cursos de que foi regente.

Por último, sentiu-se na maneira como, ao longo dos anos, actuou nas comissões escolares e veio a conduzir os trabalhos do Conselho Científico de Letras. Aí, este professor sem experiência administrativa, agiu com coragem, sensatez e independência, logrando, em pouco tempo, dinamizar e valorizar o corpo docente da instituição a que pertencia. O seu nome está indissoluvelmente ligado à constituição actual do quadro de professores catedráticos e associados da Faculdade de Letras do Porto, para cuja organização, em todos os casos, contribuiu ao intervir em actos de promoção, quer de antigos alunos, quer de individualidades que, entretanto, a Universidade chamara ao serviço lectivo.

Por empenho seu, deve em boa parte, a cultura portuguesa o estabelecimento, nas universidades, das licenciaturas de Arqueologia e de História de Arte, cuja estrutura, no essencial, delineou.

A escolher e a ensinar, a corrigir e a perspectivar, a explicar e a conceber, como na vida que tanto apetecia, Ferreira de Almeida afirmou-se um genuíno professor que hoje, com inteira justiça, a *Revista de História* homenageia.

Luís A. de Oliveira Ramos